

APOSTA NA FLEXIBILIDADE

Retrato de um produtor de cereais e milho em regadio, que procura, entre outros desafios, otimizar a conta de cultura, reduzir os *inputs* químicos e acompanhar a inovação tecnológica.

Carlos Afonso

Vasco Sevinate Pinto e o irmão têm uma empresa agrícola familiar, que produz habitualmente três culturas, em três *pivots*, em regadio – com água de Alqueva, sobre pressão –, na Herdade do Monvestido, situada junto ao aeroporto de Beja. Em rotação, fazem, «em 100 hectares, por ano, 150»: 50 ha de cereais praganosos – cevada, trigo mole ou trigo duro –, 50 ha de milho e cerca de 50 ha de sorgo ou Erva do Sudão.

«Foi a maneira mais equilibrada que encontramos de rentabilizar a área que temos e de conseguir ter uma rotação cultural interessante do ponto de vista agronómico e que nos permita, com a rotação, controlar os ciclos dos fungos e de algumas

ervas difíceis, em vez de controlar com herbicidas», refere o produtor. O milho tem sido sempre para grão, mas este ano deverá ser para silagem, «devido ao mercado»: «tivemos a hipótese de fazer um bom contrato de venda de silagem – ainda não tomámos a decisão, mas estamos a ponderar fazê-lo». Vasco Sevinate Pinto aponta várias vantagens no regadio: «conseguirmos otimizar bastante todos os recursos que temos», «conseguirmos mitigar ao máximo os efeitos da imprevisibilidade do clima» e «conseguirmos otimizar uma quantidade de operações através da rega» – como a aplicação de tratamentos fitossanitários ou de adubações, o que evita movimento de equipamentos sobre a cultura e o gasto de



combustível. Nesta campanha, «pela primeira vez, conseguimos fazer cevada dística para malte sem aplicações de adubo químico de cobertura. Foi só com soluções orgânicas. Com as soluções que existem no mercado, se não houvesse o regadio não seria possível», explica.

A produção é comercializada através do agrupamento de produtores Globalqueva, onde a maioria do volume tem sido canalizada para a alimentação humana e onde conseguem ter «contratos interessantes de valorização da produção», afirma o produtor. «Muita gente diz que não faz sentido produzir cereais em Portugal, porque não somos competitivos face à Ucrânia, aos Estados Unidos, a França, a Espanha, etc.. Mas conseguimos ter alguns nichos de mercado muito interessantes para os nossos cereais. Produzimos com qualidade. O regadio tem uma importância enorme nessa área, porque conseguimos atrasar muito as adubações de cobertura e, por conseguinte, conseguimos pôr níveis de proteína, por exemplo, no trigo mole e no trigo duro, que a indústria consegue valorizar. E com as nossas condições, produzimos para determinados nichos de qualidade. No agrupamento, temos um contrato trianual com a Maltibérica para produção de cevada dística para malte. A Maltibérica valoriza a cevada baseada numa conta de cultura que os produtores fornecem: que eu saiba, é a única indústria em Portugal que faz isso, que é o que se deveria fazer sempre. Não é pressionar o produtor com o preço das bolsas internacionais, é ter a sensibilidade de perceber quanto custa produzir cevada em Portugal e pagá-la baseada nesses custos. Com estes contratos, conseguimos ter uma cultura bastante interessante.»

A Globalqueva é também um dos cinco agrupamentos envolvidos no projecto conjunto de produção de trigo mole, através da marca Cereais do Alentejo, para o pão alentejano do grupo Sonae, «baseados num contrato, com preços e condições claras», realça Vasco Sevinate Pinto. «Através destes contratos, conseguimos fugir à pressão dos preços internacionais – que limita muito as margens do produtor – e trabalhar para qualidade muito específica, que é valorizada no nosso país. Portanto, continuo a acreditar que faz sentido fazer cereais em Portugal, não cereais para ração, não cereais *commodity* puro, mas cereais com alguma qualidade, com algum valor acrescentado. No fundo, cereais para consumo humano.»

Podem estar associados ao regadio problemas como a eventual indisponibilidade de água (que inviabiliza o uso da estrutura montada) e o preço (que pode ter mais ou menos influência, com outros custos, mediante a rentabilidade da cultura). Para este produtor, no caso do Alqueva «o preço da água é uma questão meramente política» e «já não seria tema se, há dois ou três anos, o Governo tivesse tomado as decisões que tomou agora à pressa, de instalar o sistema fotovoltaico de produção de energia e de tornar a estrutura da EDIA autónoma em termos de energia».

Na Globalqueva, a perda da área de cereais para culturas perenes já deverá rondar os 70%. Vasco Sevinate Pinto critica «a falta de visão que o país teve em relação aos cereais» –



com o exemplo da Estratégia Nacional para a Promoção da Produção de Cereais, que foi apresentada em 2018 mas depois «nada aconteceu» – e defende que «o agricultor, como empresário que é, adapta-se às novas realidades», e que este «tem de ir atrás do mercado, para produzir o que é mais valorizado». Até porque, «valorizando melhor a cultura, mais depressa conseguimos acompanhar as novas tecnologias». Mesmo assim, o produtor prefere as culturas anuais, onde ainda encontra «vantagens» face às culturas perenes, em especial a «flexibilidade»: «Ter *pivots* permite-me todos os anos escolher que culturas vou fazer. Se tivesse amendoal, olival ou vinha, não podia escolher – teria de fazer sempre a mesma cultura. O que, economicamente, neste momento é interessante. Mas perdia a possibilidade de escolher o que faço. Porque continua a haver culturas interessantes em Portugal». Também importante é a «flexibilidade» das culturas anuais. De qualquer forma, decisões como deixar de fazer cereais «estão sempre em cima da mesa», realça o agricultor. «Enquanto conseguirmos, fazendo cereais, fazendo culturas anuais, ter o rendimento que queremos, que achamos que é justo para o nosso trabalho, iremos manter, pelas vantagens que indiquei. Vamos continuar a ser agricultores, isso é assumido. Se os cereais deixarem de fazer sentido, deixarem de ter rentabilidade, não tenho problema nenhum: de um dia para o outro, mudo para outra cultura. Os critérios seriam estes: culturas adaptadas às nossas realidades e com uma rentabilidade mais interessante. Nos cenários actuais, olival e amendoal são as culturas prioritárias, face à rentabilidade que dão e a, actualmente, a tecnologia e as culturas estarem completamente controladas. E temos condições fantásticas para produzir azeitona e amêndoa.»

Novas soluções

As chuvas fortes em Dezembro inviabilizaram a sementeira de trigo – nomeadamente de trigo mole para panificação

–, porque só conseguiram entrar no campo a 18 de Janeiro. Decidiram então avançar para a cevada dística, que não estava no plano de sementeiras. Começaram a semear a 21 de Janeiro, «já muito tarde» em relação ao que é normal, pela «garantia» de poderem regar na altura de maior necessidade de água. Em Março, a temperatura atingiu 40 graus, «o que afectou muitíssimo a cultura, mas conseguimos levá-la bem até ao fim», refere Vasco Sevinate Pinto.

Concluída a colheita de praganosos, o produtor indica que, «devido ao regadio, à possibilidade de regar, tivemos um ano bastante interessante». Na cevada, com fertilização de cobertura sem adubos químicos, «a produção ultrapassou as cinco toneladas por hectare». «O futuro é por aí. Ainda há muitas coisas que podemos melhorar, muitas soluções que ainda não conhecemos e que queremos experimentar, mas a evolução é esta: diminuir bastante a fertilização química, sempre que possível – pode não ser possível –; e, por outro lado, na parte da protecção das plantas, também começa a haver algumas soluções, nos cereais e no milho, de bioestimulação, que podem, de alguma maneira, melhorar as condições sanitárias da cultura e fazer com que necessite de menos fitofármacos.» No caso do milho, «este ano reduzimos 36% a adubação química azotada; vamos ver os resultados, mas o milho está fantástico», assinala Vasco Sevinate Pinto.

Por contraponto aos resultados de produção, os preços dos cereais estão a cair, «mais depressa do que os preços dos factores de produção», o que gera um «desequilíbrio» na conta de cultura, «que tem algum impacto», comenta. A palha, um subproduto dos cereais, este ano «foi bem paga: foi valorizada quase ao nível dos cereais». «Isto faz com que a conta de cultura dos cereais seja interessante. No caso do milho, que vamos colher no fim de Agosto, princípio de Setembro, está a correr bastante bem. Se optarmos pela silagem, será um

pouco mais cedo. Agronomicamente, está ao nível dos melhores anos que tivemos. Agora, este discurso só se pode ter no regadio, porque foi um ano complicadíssimo de sequeiro. Nos cantos dos *pivots*, nas zonas de sequeiro, também semeamos – por uma questão de operacionalidade das máquinas – e aí não colhemos nada este ano. A área de sequeiro foi um desastre completo.»

Na Herdade do Monvestido, «já utilizamos há muitos anos tudo o que é tecnologias de uso eficiente da água», tentando também diminuir o consumo de água e os custos, assegura o produtor. Em 2023, um ano seco, a utilização de água aumentou 12%, «mas poderia ser 30% ou 40% se não houvesse um controlo apertado».

«Como começámos a trabalhar a bioestimulação, também queremos ver se a cultura, por si própria, consegue reagir às adversidades climáticas. E o que é certo é que tivemos um resultado fantástico, a nível quantitativo e qualitativo – na cevada, este ano foi assim», comenta Vasco Sevinate Pinto. Frisa também que «a EDIA dá-nos dotações consoante as culturas e, até agora, nunca usámos a dotação toda, utilizámos sempre menos».

O produtor acrescenta que, «na agricultura não se gasta água, usa-se», que «a água que as plantas absorvem é reposta pelo ciclo natural da água, voltando depois à atmosfera pela evapotranspiração», e que «gasta-se muito mais água nas cidades do que na agricultura, porque se perde». Com fenómenos climáticos cada vez mais agressivos – «em duas semanas de Dezembro, choveu o que estávamos habituados que chova durante o ano todo» – e porque «não há falta de água» – «a água vem é distribuída de uma maneira muito heterogénea» –, é importante conseguirmos reter essa água, diz, mas sublinha que «a capacidade de armazenamento de água é uma questão estrutural» e que «no nosso país não se tomam medidas estruturais».

Nesta exploração, estão a estudar a possibilidade de incluir na rotação uma proteagínosa – no caso, um tremoço –, pela perspectiva da rentabilidade mas também pelo antecedente cultural para os cereais de uma cultura que fixa o azoto no solo. Apesar de ser «muito interessante», o grão-de-bico «não responde ao regadio como outras culturas», pelo que só está a ser ponderado como uma hipótese a instalar nas franjas dos *pivots*.

Segundo Vasco Sevinate Pinto, «os produtores de cereais estão unidos» em Portugal, fruto da actividade da Associação Nacional de Produtores de Cereais, Oleaginosas e Proteaginosas (ANPOC). Destaca ainda o papel da entidade informal Clube Português dos Cereais de Qualidade e defende que talvez fosse viável trabalhar o nicho da produção de semente certificada, devido às condições existentes. ●





AGRICULTURA COM VALOR



- + ABSORÇÃO
- + EFICIÊNCIA
- + RENDIMENTO

A TECNIFERTI® desenvolveu uma nova linha de fertilizantes líquidos com ácidos fúlvicos (AF) e com vários equilíbrios N, NK, NP, NPK, Cálcio, Magnésio e Carbono Orgânico.

Os ácidos fúlvicos têm uma ação reconhecida no metabolismo e crescimento das plantas, influenciando a absorção e transporte de nutrientes. São solúveis em água e embora semelhantes estruturalmente aos ácidos húmicos, apresentam um menor peso molecular, maior quantidade de compostos fenólicos e de grupos carboxílicos e uma menor quantidade de estruturas aromáticas. Estas características conferem-lhes melhor solubilidade em água e maior capacidade de troca catiónica.

A influência dos ácidos fúlvicos na estrutura física do solo ocorre através da maior retenção de água, melhoria do arejamento e por consequência maior resistência à erosão devido às suas partículas coloidais que são capazes de formar uma emulsão em contacto com a água.

Como agentes complexantes desfavorecem a manutenção de iões metálicos na solução do solo promovendo a redução da toxicidade destes elementos.

Os ácidos fúlvicos aumentam ainda o poder tampão dos solos reduzindo as variações de PH.

Vantagens:

- Melhor assimilação do elemento químico;
- Aumento da taxa de fotossíntese (+ clorofila);
- Acelera a divisão celular;
- Aumenta a vida microbiana dos solos;
- Estimula o desenvolvimento radicular;
- Menor lixiviação do elemento químico;
- Mais retenção de Água;
- Menor evaporação de Água.

FERTILIZANTE	COMPOSIÇÃO				DENSIDADE (g/cm³) **			
FULVICOT® 0	0% N	0% P ₂ O ₅	12% K ₂ O		4,5% AF	1,13		
FULVICOT® 2	2% N	2% P ₂ O ₅	10% K ₂ O		4,5% AF	1,16		
FULVICOT® 3	3% N	0% P ₂ O ₅	12% K ₂ O		4,5% AF	1,17		
FULVICOT® 4	4% N	13% P ₂ O ₅	8% K ₂ O		4,5% AF	1,26		
FULVICOT® 5	5% N	2% P ₂ O ₅	10% K ₂ O		4,5% AF	1,20		
FULVICOT® 6	6% N	3% P ₂ O ₅	9% K ₂ O		4,5% AF	1,19		
FULVICOT® 6 A	6% N	0% P ₂ O ₅	9% K ₂ O		4,5% AF	1,17		
FULVICOT® 7	7% N	21% P ₂ O ₅	0% K ₂ O		4,5% AF	1,31		
FULVICOT® 8	8% N	7% P ₂ O ₅	8% K ₂ O		4,5% AF	1,25		
FULVICOT® 9	9% N	3% P ₂ O ₅	9% K ₂ O		4,5% AF	1,24		
FULVICOT® 11	11% N	5% P ₂ O ₅	5% K ₂ O		4,5% AF	1,22		
FULVICOT® 16	16% N	8% P ₂ O ₅	4% K ₂ O		4,5% AF	1,30		
FULVICOT® 20	20% N	3% P ₂ O ₅	3% K ₂ O		4,5% AF	1,27		
FULVICOT® 28	28% N	0% P ₂ O ₅	0% K ₂ O		4,5% AF	1,30		
FULVICOT® 28 Z	28% N	0% P ₂ O ₅	0% K ₂ O	0,2 Zn	3,5% AF	1,30		
FULVICOT® CaO	8% N	0% P ₂ O ₅	0% K ₂ O	14% CaO	2% AF	1,44		
FULVICOT® CaO MgO	7,5% N	0% P ₂ O ₅	0% K ₂ O	9% CaO	5%MgO	2% AF	1,45	
FULVICOT® CaO MgO B	5% N	0% P ₂ O ₅	0% K ₂ O	6% CaO	3%MgO	1% B	2% AF	1,41
FULVICOT® K CaO	4% N	0% P ₂ O ₅	6% K ₂ O	8% CaO			2% AF	1,29

** Os valores apresentados podem oscilar (+/-) 0,02 g/cm
AF: Ácidos Fúlvicos

